

Pedagogia dos Ritmos: sabedorias, filosofias e práticas das manifestações populares do universo percussivo brasileiro

Palavras-Chave: PEDAGOGIAS, EDUCAÇÃO MUSICAL, PERCUSSÃO, AFRO-ADERENTE, TERREIRO SÃO JORGE, FILHO DA GOMÉIA

Autores(as):

NICOLAS LOMBA DE FARIAS, IA – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). SILVIA CORDEIRO NASSIF, IA - UNICAMP

RESUMO:

Essa proposta teve como objetivo base reconhecer e aprender sobre as possíveis pedagogias que atravessam os ensinamentos de música dentro dos espaços de cultura popular do Brasil, especialmente em terreiros de candomblé. Acreditamos que, nesses territórios, há formas de se ensinar que carregam técnicas, tecnologias e sabedorias que, além de estarem alicerçadas em filosofias historicamente invisibilizadas, produzem potenciais pedagogias de caráter transformador e transgressor para uma educação musical possível no país. Nesse sentido, esse projeto visou a pesquisar, visitar, conhecer essas pedagogias, para, cruzando experiências práticas musicais com pesquisas teóricas nos campos da antropologia e da filosofia, produzir uma reflexão sobre a possibilidade de uma pedagogia de cruzo, que rasure e transforme modos vigentes de se ensinar música pautados em lógicas ocidentais, brancas, colonizadoras, mono-políticas e mono-ontológicas. Para isso, fui até Lauro de Freitas – BA, por duas vezes, conhecer e pesquisar o Terreiro São Jorge, filho da Goméia em uma abordagem etnográfica para aprender e vivenciar o cotidiano do terreiro e observar e ouvir as músicas e as práticas pedagógicas nesse espaço, para, a partir da pesquisa de campo, trabalhar reflexões pertinentes acerca da educação musical e da possibilidade uma pedagogia divergente que poderia, segundo hipótese inicial, ser observada no contexto afro-religioso.¹

¹ Todas as reflexões presentes neste trabalho são fruto da convivência, da troca e do aprendizado vividos no Terreiro São Jorge, Filho da Goméia, em Lauro de Freitas-BA. As possíveis proposições aqui realizadas não podem ser dissociadas de conversas, festas, afetos e acontecimentos presenciados no terreiro.

O TERREIRO SÃO JORGE, FILHO DA GOMÉIA

O terreiro de Candomblé estudado é uma espécie de pequena chácara, localizada na rua Queira Deus, no bairro de Portão, em Lauro de Freitas, na Bahia. Da linhagem de Joãozinho da Goméia, ele é um dos mais tradicionais e importantes do estado e segue a tradição Bantu, sob guarda da matriarca Mameto Kamurici, Mãe Lúcia - filha de santo de Mãe Mirinha de Portão - com quem eu me comuniquei para articular a pesquisa e para abrir a casa para mim. Na entrada, encontra-se o Nzila (Exu), adiante está o barracão onde ocorrem as festas para os Nkises (orixás - no candomblé Ketu) e ainda, este espaço agrega pequenas casas para cada Nkise e os assentamentos de cada caboclo da casa. O candomblé é uma religião que tem várias nações, que têm relação com o país de origem de cada povo na África, com o momento de chegada no Brasil, organização dos grupos em diáspora etc, mas temos no país três nações com maior destaque e influência que são o Candomblé Jêje, o Candomblé Ketu, também chamado de Nagô e o Bantu, que é o caso do Terreiro São Jorge. Nesse sentido, há diferenças entre as nações nas formas como são cultuadas as energias, como são nomeadas, como a casa funciona em termos de responsabilidade e obrigações, se a casa cultua caboclos, como acontece no terreiro de Mameto Kamurici, em cruzo com as energias dos povos originários etc. Vale dizer, também, que todas as pessoas envolvidas na casa e iniciadas têm cargos, responsabilidades e funções, em uma complexa rede de trabalho, inclusive, que vai desde a retirada de folhas para banho e lavagem até estourar o rojão para o começo da festa ou comemoração da chegada das energias, passando pela limpeza do quintal e pelo preparo das comidas. Há, ademais, uma série de outras características e definições, no entanto, a música tem relação com absolutamente todo o funcionamento religioso da casa.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES REFLEXIVAS

A primeira e mais fundamental reflexão a que devo destacar é que absolutamente nada do que foi produzido por mim, enquanto pesquisador, passará de impressões e reflexões acerca de uma experiência vivida e isso é radicalmente importante e indispensável, inclusive, por ratificar a noção de que o olhar, a escuta e a escrita de quem vai a campo já são, por serem, justamente, o olhar, a escuta e a escrita de pesquisador, um prisma refratário sobre o que pesquisamos (OLIVEIRA, 1996, p. 29). Mas, mais importante é saber que nada disso substitui ou se sobrepõe hierarquicamente, especialmente nesta pesquisa, ao conhecimento e às sabedorias fontes, que são aquelas produzidas e compartilhadas no terreiro de candomblé São Jorge, filho da goméia, de Mameto Kamurici. Portanto, mesmo que assinemos nossas pesquisas e recebamos os méritos e honrarias por nossas “descobertas” como pesquisadores e publiquemos nossas produções, jamais devemos ser considerados fontes referenciais dessas sabedorias; talvez de outros conhecimentos ou sabedorias de outra estirpe; mas não das sabedorias de terreiro. Estas não podem ser aprisionadas pela instituição do conhecimento científico, chancelado pelas academias. Se “nenhuma partitura consegue escrever essas músicas de uma maneira precisa, são aproximações”, como bem disse Letieres Leite (Nós Transatlânticos, 2017), eu diria que tudo aqui são aproximações de experiências vividas e que só entendemos a dimensão dessa afirmação quando percebemos que essas músicas são, talvez, produzidas em outros e para outros mundos, e outros tempos e outras energias, e por isso a partitura não dá conta delas e, talvez, se ampliarmos essa perspectiva para a educação, possamos chegar na gênese da questão colocada por essa

proposta de projeto, que é justamente sobre as pedagogias de terreiro e a educação vivenciada de uma outra forma.

Dito isso, a música no terreiro de candomblé, me parece, acontece como uma espécie de estado de permanência em um outro mundo, em tempos diferentes, como disse há pouco, ou de impermanência em mundos diversos. Estou falando das músicas que acontecem em contexto sagrado, mas também das que se criam nas dobras do cotidiano; estou pensando numa intersecção entre o que se aprende colhendo folhas e o que se aprende girando nas festas para nkises. Aprende-se música quando se toca, quando se dança, quando se varre, quando se joga pipoca por todo o terreiro, quando se colhe a carambola - fruta que recebe uma festa em sua comemoração -, quando se banha, mas, fundamentalmente, quando se está aberto para a fabricar um corpo sensível às imanências daquilo que não se vê, não se explica, mas se percebe e se assimila, se atualiza e se fabrica em forma de toque, cânticos, sílabas, som. Ou seja, a música fabrica ao mesmo tempo em que é fabricada. Toca e mobiliza enquanto é tocada e mobilizada, está nos instrumentos tanto quanto está no ar, não somente no sentido físico de propagação do som, mas no sentido cosmopolítico. A música, no terreiro, é um corpo que dança tanto quanto as pessoas e se apresenta em variadas e diversas formas, visíveis ou não, audíveis ou não e afeta e é afetada por humanos e não humanos. A pedagogia que atua nesse contexto produz um trabalhador do tambor que fabrica a si mesmo - e a trajetória no terreiro é uma longa consolidação de procedimentos intencionais e periódicos de preparação -, enquanto mobiliza a fabricação do corpo-música, que, de certa forma, funciona como uma substância que abre portas entre mundos e atua nos corpos criando e transformando - fabricação e metamorfose (CASTRO, 1979, p. 40 e 46).

E daí chego na possibilidade mais radical sobre a qual precisarei me dedicar com afinco em próximos trabalhos. Se a música pensada como linguagem tem a ver com a relação dialógica entre indivíduos, com atitudes responsivas entre interlocutores (NASSIF, 2009, p. 51) e se a linguagem, em resumo, tem a ver com a produção de um sentido qualquer para dar conta de uma comunicação (NASSIF e SCHROEDER, 2019, p. 5) como dimensionamos a aderência dessa definição no campo invisível? Se a música é como as linguagens humanas e, portanto, pode ser tratada como tal, não existe música não humana? Percebi que a música funciona como um corpo invisível; empurra, afirma, derruba, encanta, reclama, mas não mostra a cara. Convoca outros corpos invisíveis e não se limita às fronteiras de tempo, espaço e mundo, faz-se presente para os que tocam, para os que ouvem e para os que chegam de outros planos por sua afetação: “Sem música, Nkises nem vêm”, disse-me um filho do terreiro. Seria o modo de definir a música crucial para pensarmos em pedagogias transgressoras? Se limitarmos a música à categoria de linguagem, não perderíamos sua abertura para o que está além do significado, do sentido, da natureza humana? Se pensarmos com Viveiros, quando nos coloca frente à questão *fabricação - metamorfose*, e com Pelbart, quando dimensiona a importância da imagem que “foge”, que “escapa” - falando sobre os povos xinguanos e sobre os limites da linguagem, respectivamente, e cruzarmos isso com a possibilidade da música como um estado, ou uma substância, como um corpo invisível, poderemos, quem sabe, iniciar uma reflexão sobre o “aprender sozinho” tão comentado no Terreiro São Jorge, bem como a forte e presente colocação de que “não se dá para explicar”. Estou abrindo uma fissura para uma pedagogia do invisível. A pedagogia que foge, que escapa, que metamorfoseia e assume formas diversas, passa por constantes e periódicos processos de fabricação, ao mesmo tempo que tem na música a substância que fortalece outras criações e possibilita metamorfoses, sejam elas invisíveis ou não (corpo humano que vira corpo nkise, corpo humano que vira corpo tambor, corpo humano que vira corpo dança).

PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

Dito tudo isso, talvez, nossa estratégia de reorganização do modelo educacional, visando à implementação do ensino de música tal qual o modelo da matemática, do português, da história, por exemplo, esteja equivocado. Afinal, queremos o ensino de música para que as crianças acessem uma música científica, como mais um conhecimento fundamental para o sujeito e para a sociedade, que ela seja tratada como as outras disciplinas importantes para o conhecimento humano e aí está nosso engano. Deveríamos, ao contrário, pontuar a diferença e nos distanciarmos desse modo de funcionamento educacional; pensar a música no campo da sabedoria, imprescindível para criação de outros territórios, desviantes e avessos à sociedade humana, pertinentes às ações cosmopolíticas e aos múltiplos mundos que nos acessam e que podemos acessar com a música. Em outras palavras, já é senso comum que devemos, primeiramente - foco nesta palavra - nos concentrarmos na prática antes da teoria, que devemos apelar ao brincar, ao campo da ludicidade, da criação e do imaginário para que as crianças e pessoas tenham uma relação de pertencimento, de apreensão real, de participação etc, tudo isso é fato e não pretendo de modo algum descredibilizar esses métodos. Seguindo, pensamos em uma configuração tal como essa para que, progressivamente, crianças aprendam sobre ritmo, sobre melodia, sobre teoria, enfim sobre os parâmetros sonoros - também não pretendo descredibilizar isso, vamos aos poucos - mas, percebam, há um problema aí. O que estou dizendo é que, por mais que estejamos na busca por uma qualificação pedagógica e por abordagens progressistas, inclusivas e democráticas, ainda produzimos adequações para que a prática e a educação musical seja um processo para a construção do “conhecimento científico música”, quando na verdade deveríamos criar novos modos de vivenciar a música pelo seu potencial de música e pelo seu potencial de fabricar corpos que possam extrapolar os limites da humanidade e da educação formal - estamos quase frente a um paradoxo -, que desafiem os modelos de aprisionamento de desejos e de estratificação das pessoas em organismos sujeitados e polidos (DELEUZE, 1996, p.20). Não deveríamos reorganizar a música e a educação musical para que elas ganhem, talvez, uma fantasia científica válida para entrar no escopo de disciplina curricular, nem devemos nos contentar com inclusões pragmáticas de aspectos musicais no currículo obrigatório. Pensar a educação musical pelo viés do invisível, encarando a música como um estado coletivo em mundos que se cruzam e se criam é construir uma nova abertura para a educação musical; precisaríamos repensar o espaço escolar, o tempo em escola, as relações entre professor e estudante e até mesmo desconfigurar nossas expectativas e objetivos, e, quem sabe, estar dispostos a criar novos e diferentes modelos em atualização aos já consolidados da arte-educação. O que pretendemos com a educação musical? Se a resposta for em algum grau parecida ou se relacionar com o fato de aprisionar a música de modo que ela seja ensinável em escolas, acredito que precisamos repensar.

Digo isso para, por exemplo, questionar o planejamento de aula como bom aproveitamento de tempo, sobre nossas estruturas bases de metodologia que organizam rotinas de conteúdos adquiridos por meio de atividades práticas etc. É óbvio que a escola não é um terreiro de candomblé e não poderia vir a ser, mas não poderíamos pensar em um espaço possível de ser terreirizado? Não poderíamos pensar a música na dimensão de encantamento? Não poderíamos dilatar o tempo escolar, invés de definir os 50 minutos de cada disciplina? A escola não poderia ser um espaço de experiência coletiva da vida, do tempo, das artes, das práticas e da potencialização da energia vital? Para tanto, precisaríamos estar abertos para um certo descompromisso com o tempo (no sentido de horas), com conteúdos, com exercícios que visem a coordenação motora, ou à percepção de

conteúdos rítmico melódicos, com dinâmicas de referência de modelos etc. e por vezes de um certo descompromisso com a música em seu sentido estrito. E, assim, nos compromissar com criação de sistemas abertos para a experiência em música, sensíveis para a criação de um estado coletivo em música que poderia ser o fazer musical enquanto acontecimento sonoro ou não. Como? Fazendo música, sim; e também atualizando nossas experiências amplas de vida com vivências de sabedorias de saúde, cuidado, felicidade, desvio e criação, seja isso feito por meio de tambores, por meio do canto, por meio de múltiplas linguagens, por meio da comida, da dança, do silêncio, do plantio e colheita de ervas e folhas ou por meio de definições de responsabilidades e obrigações. Estamos falando de uma outra escola, entre outras coisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de um cruzo de mundos nas práticas pedagógicas pode ser fundamental para reconhecermos a complexidade de educações diversas que habitam casas, campos, barracões, rodas etc no Brasil, ou pode ser somente o reconhecimento necessário de que o mundo não é somente humano - há as árvores, os jabutis, muito presentes na goméia por sinal, o vento, os caboclos, as energias, os mortos -, e se o mundo não o é, a educação e a educação musical também não o são.

BIBLIOGRAFIA

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista da USP**. SÃO PAULO, USP, 1996, v. 39 nº 1.

SCHROEDER, Silvia Cordeiro Nassif. A educação musical na perspectiva da linguagem: revendo concepções e procedimentos. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 21, 44-52, mar. 2009.

NASSIF, Silvia Cordeiro; SCHROEDER, Jorge Luiz. Apreciação musical para não-musicistas – Uma proposta a partir das ideias do Círculo de Bakhtin. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.7, n.1, 2019, p.1-28

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

STENGERS Isabelle. Notas Introdutórias sobre uma Ecologia de Práticas. Tradução de Sebastian Wiedemann. In.: MATTOS, Wladimir (coord.). **Artecompostagem'21**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, 2021.

PALBART, Peter. Contra os limites da linguagem, a ética da imagem. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 27, n. 53, maio - ago. 2020.

Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3 / Gilles v.3 Deleuze, Félix Guattari; In: **Como fabricar para si um corpo sem órgãos**. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996 (Coleção TRANS)

CASTRO, de Viveiros Eduardo. **A Fabricação de Corpo na Sociedade Xinguana**. Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas UFT – Universidade Federal do Tocantins Campus de Porto. 1979.